

## RECORDAR É VIVER

Atenção, rancho! Não bebam do leite!



Os fatos pitorescos narrados nesta edição foram vivenciados por nossa Turma no refeitório da EPCAR. Para situarmo-nos no contexto das histórias, vamos rever o Glossário de Gírias, publicado em **O CON\*DOR** de Mai-Jun/2003. No Campo dos Afonsos, também impressionava-nos a fartura das quatro refeições com direito a “repe”. Na foto ao lado, os Cadetes do 1º Ano Av. Sirotheau, N. Guimarães, Horta, Juarez, Asvolinsque e Cançado Couto se fortalecem para mais um dia de labuta.

## O PONTILHÃO PEDRO II



“Somos todos médicos”. O Dr. Danilo Cubas enviou à Representação este postal, dizendo que “o elefante velho voltou para seu nascedouro”. Agradece àqueles que o incentivaram a retornar a Barbacena para trabalhar como médico da Prefeitura.

## PRONTA-RESPOSTA

Ficou completa a coletânea oficial de **O CON\*DOR**, graças à prestimosa colaboração dos companheiros Pacheco, Éolo, Schubnell, Felicíssimo, Cleber, Gonzales e Manoel Carlos.

## ANIVERSÁRIO DA TURMA



Neste clima de muita alegria, foi realizada, na sede da Turma, a “concentração” para um almoço de confraternização, pelos “suados” 48 anos dos cinquenta-e-sete-bequeanos (ufa!). O ágape (linda palavra) ocorreu no restaurante panorâmico do Clube Militar, que ficou, praticamente, à disposição do grupo, por ser o dia 7 de março uma segunda-feira pouco movimentada. Além dos fotografados, doze outros se dirigiram ao restaurante para festejar a data magna da TQP. Grandes “bolações” para o Jubileu de Ouro. Aguardem...

## FATOS PITORESCOS



Rancho é a designação castrense das instalações do quartel em que são preparadas as refeições e servidas à tropa. Na EPCAR, rancho significava e continua significar **comida**, o prato preferidos dos alunos internos.

### No Rancho dos Alunos

Aquele refeitório traz-nos muitas recordações - boas e más - de situações vividas nos dois anos em que o freqüentamos. Nas mesas de oito lugares, fomos submetidos às rigorosas provas parciais e finais (1º e 2º anos juntos, em cadeiras alternadas), enfrentamos trote dos veteranos, dos quais não poderíamos livrar-nos, pois o comparecimento ao rancho era obrigatório, mas, para nossa alegria de saudosistas, fomos protagonistas de muitos “causos” pitorescos, alguns dos quais passamos a relatar.

**Bife e trote** - O Amorim conta um episódio do Macaco, o mais “anormal” dos veteranos, aquele que invadia o nosso alojamento, acompanhado de um “bicho” escalado como coletor (portando uma sacola de papel pardo que se fechava com uma cordinha de sisal), com a intenção única de recolher utilidades. Falava assim “-Filhinho, filhinho, o que você tem aí para me oferecer?”. Aceitava um sabonete, mas tomava do calouro vacilante qualquer artigo que estivesse à vista, até mesmo um cordão de ouro. No primeiro dia de almoço na Escola, o Amorim e o João Ribeiro (57-25) ocuparam a mesa do Moreira Lima, vulgo Macaco, “repe” de 55. Este personagem tenebroso - com mais de 1,90m de ossos, mais de 100 Kg de músculos, quase 2 arrobas de merda na cabeça e zero absoluto de escrúpulos, cujo apelido é uma ofensa aos primatas de todas as espécies - chamou o taifeiro (garçom) e pediu que lhe trouxesse um bife, não previsto no cardápio. Atendido, determinou ao João que o cortasse, o qual, não entendendo a ordem, comeu o sangrento bife. Avisado pelo Cabral, o do violino, o Macaco, demonstrando irritação, vociferou: “- Bicho, você comeu o meu bife! Vai ter que indenizar, porém,

antes, você está proibido de almoçar e, para não ficar com fome, coma todos os caroços das azeitonas servidas na salada.” Vocês se lembram de quanto era nosso soldo da época? CR\$ 200,00 (duzentos cruzeiros). O Joãozinho teve de desembolsar CR\$ 20,00 (vinte cruzeiros), em pagamento da fatídica refeição.

**Trote, trote...e leite** - Após alguns dias de adaptação à rotina da Escola, foram designadas as mesas para os alunos, com quatro alunos de cada ano. Sorte de alguns, azar de outros. O João Carlos conta que sua mesa poderia ser ótima, se um tal de Racy não estragasse o ambiente que deveria reinar nos momentos destinados às refeições - momentos de confraternização, de paz. Os outros veteranos que ocupavam a mesa eram: o mineiro Lagares, muito espirituoso e bonachão, que dava uns trotezinhos bem divertidos, aceitos com bom humor pelos calouros; o Zitelli, sereno, que se revelou poeta, vindo mais tarde, no posto de major, a pedir demissão da FAB para se candidatar (e ser eleito) a prefeito de sua cidade natal, no interior de São Paulo; e o Souza Lima, rapaz de fino trato, que se retirava da mesa quando algum colega insistia em dar trote, de balde suas intervenções, tentando proteger os calouros. Os outros bichos eram o Gasparello, o Orlando da Cunha e seu primo Rispoli. O comportamento do Racy era muito estranho, que bem justificaria a forma pejorativa “paulista náuseo”. Ele, um jovem bem apessoado, aparentemente bem nascido, nutria injustificável ódio contra o Gasparello, talvez por este ser de origem humilde, ou, quem sabe, por ser feio na época (o tempo cuidou de melhorar a sua aparência, o que o envaidece muito). O Racy, dirigindo impropérios aos calouros, por longo tempo, privilegiava o Gasparello mandando-o colher babosa no Jardim de Alá para comer como entrada; mandava preparar e tomar numa só virada de copo o tal de “coquetel molotov”, em que se misturavam ao leite feijão, arroz, carne, doce de sobremesa e o que mais fosse servido; e fazia questão de servir a todos o cafezinho, sem açúcar e com doses generosas de molho inglês. O que mais constrangia a “bicharada” e o veterano amigo Souza Lima eram os freqüentes calômetros que o Racy aplicava no Gasparello, por baixo da mesa. E aí de quem fizesse cara feia... Falar de trote nunca será agradável a nossas lembranças, mas, para não perpetuarmos nosso sentimento negativo, surgiu a oportunidade de falar desses dois personagens que o destino colocou como obstáculos em nossas vidas:

Macaco e Racy. O próprio destino incumbiu-se de removê-los de nosso caminho: não seguiram carreira na FAB e deles não tivemos mais notícias. Melhor assim... Mas sobre as gozações do Lagares, o João Carlos gostaria de falar um pouquinho. Ele chamava o 40 de queixudo, mesmo tendo o queixo bem retraído (embora não chegasse a ser igual ao de Noel Rosa) e o mandava encolhê-lo, mais, e mais, mais ainda,... Um dia, ao término do almoço, o João foi servir-se de outro copo de leite e constatou que a jarra estava vazia. O Lagares fez a seguinte observação:”- Que pena! Vou pedir ao taifeiro outra jarra, porque você precisa alimentar-se bem. Você está muito magrinho.” Para não contrariar o veterano, o contraído bichano não alegou ser desnecessário e ficou rezando para não haver a “repe” pedida. A reza não foi forte, pois o taifeiro trouxe outra jarra cheia de leite. Ao João Carlos foi dada ordem para tomar todo o leite, sem ajuda dos colegas que se prontificaram a socorrê-lo. Mas não conseguiu cumprir a tarefa. Empacou no sétimo copo e foi liberado pelo bom mineiro Lagares.

**Bife, leite...e cadeia** — Em 1958, iríamos mandar na Escola (doce ilusão, com o Capitão Dário continuando a comandar nossa Esquadrilha e com os Tenentes Jackson, Mafra, Sinopoli e Castro continuando na escala de oficial-de-dia), mas o fato é que os mais “safos” deixaram de lado a tradicional arrogância de veteranos para “arranjarem uma peixada” com um taifeiro, com o objetivo de garantirem uma “repe” de bife, ou um bife alternativo ao prato do dia, ou um bife de reforço. Com a rotina de muitas aulas, ginástica, ordem unida, estudo obrigatório, em rigoroso cumprimento de horário, tudo isso aliado à fase de extraordinário desenvolvimento físico dos alunos, o bife passou a ter mais importância do que o avião para aqueles intrépidos pilotos. A preferência pela carne bovina somente foi abalada quando “correu o bizu” de que continha propriedades altamente broxantes. Tal notícia teria sido divulgada por correspondentes da Europa, mas, em pouco tempo, tudo foi esclarecido de que se tratava de um boato, sem fundamentação científica. Ainda hoje, persistem suspeitas de que o “bizu” teria sido espalhado por uns e outros que passaram a comer quatro bifos em cada refeição. O curioso é que ainda não existia a Internet... O João Carlos fala de sua experiência como chefe de mesa, no segundo ano da Escola. Teve a sorte de não ter calouro na mesa 22, pela qual ficou responsável. Ocupavam a mesa os seguintes

colegas: Calvino de Almeida (57-113), Aydano (57-114) e Bloise (57-115), do 2º ano; Luiz Henriques (57-102), Sérgio da Silva (57-108), Kato (57-111) e Elesbão (57-112), do 1º ano (repetentes). Logo no primeiro dia, enquanto todos se postavam à mesa para o almoço (em “posição de descansar”), aguardando a ordem de “rancho, à vontade”, o Aydano mirou no maior bife servido na bandeja e tascou-lhe um certo cuspe, dizendo: “-Sou piru naquele...”. A “repe” de dois ou três bifos eram disputadas a espetadas de garfos nem sempre certas, pondo em risco as costas das mãos menos ágeis. Tendo em vista que todos eram colegas da mesma Turma, o “Chefinho”, como o Bloise chamava o 40, abrindo mão de sua antiguidade, estabeleceu um sistema de rodízio (facilitado pelos lugares fixos na mesa), para que, a cada dia, um comensal diferente fosse o primeiro a servir-se, passando a bandeja adiante no sentido horário. O último a servir-se passaria a ser o “primeiro piru na repe”, fazendo retornar a bandeja no sentido contrário, para que outros, também, pudessem servir-se da saborosa iguaria. Em certo dia, em que a comida estava “braba”, situação em que os alunos se valiam da fartura do leite servido, ouviu-se aquele inesquecível aviso do Freitas (57-29), o 01 do 2º ano, que ocupava lugar especial na mesa da equipe de serviço: “ - Atenção, rancho! Não bebam do leite! Está estragado”. O chefe do serviço de saúde foi acionado para mandar examinar o leite e, ao percorrer o refeitório para colher amostras do produto, deparou-se com uma tremenda bagunça na mesa 22, com a jarra de leite contendo um indigerível “coquetel molotov” de restos de comida, talheres, guardanapos e palitos. O médico deu parte da mesa e o Cap. Dário, para reforçar a dieta dos pobrezinhos famintos, distribuiu nabos em profusão, cujo teor calórico foi traduzido por 2D para cada um, sendo que ao “Chefinho” foi prescrita uma receita com 4D. Foi tão difícil conter os arroubos dos jovens Aydano, Bloise e Elesbão que o João Carlos chegou a revelar, na época, que estava com saudades daquela famigerada mesa do 1º ano, mesmo com as gozações do Lagares e o terrorismo do Racy.

**Pão, bife, leite...e paz** - Também nos Afonsos, o rancho foi palco de boas histórias protagonizadas pelos cadetes, a fazerem suas refeições em paz, sem trote na mesa. No “Ninho das Águias”, comiam-se o pão e o bife e bebia-se o leite de cada dia, em santa harmonia no ágape para os “Asas Pretas” e para os “Asas Brancas”. Histórias que ainda serão contadas...

## DIA DO BQANO - EPCAR 56 ANOS

**Dia 21 de maio** - Nesta data, festeja-se o aniversário da EPCAR, criada em 1949. Comemora-se o “Dia do Aluno Epcariano”, instituído pelo Comando da Escola. E, a partir deste ano, passou a comemorar-se, também, o “Dia do BQano”, instituído pela lei nº 3.818, de 06 de agosto de 2004, proposta pelo Executivo de Barbacena e aprovada pela Câmara Municipal. Além da tradicional solenidade militar, com ordem do dia, homenagens, desfile militar (com destaque para o grupamento de ex-alunos), foram programados muitos outros eventos, incumbindo-se a Associação dos Ex-Alunos (AEPCAR) da mobilização das turmas para as festividades, em especial, para o tradicional “Baile dos BQanos”. (Reportagem no “site” [www.aepcar.org.br](http://www.aepcar.org.br)).



### Pensamento de O CON\*DOR

**“Sempre darei um jeito de ir aos encontros da Turma, ainda que um dia venha a usar fraldão.”**

O Gasparello (57-138), dando aquela força aos Representantes da Turma. (Deus o proteja, amigo.)

## CONCURSOS DE O CON\*DOR

### Solução do Concurso de Jan- Fev/2005

Este concurso foi lançado pelo “site” da Turma (<http://57.bq.org>), como sendo do 2º trimestre/2005. Estamos ajustando as referências dos concursos para a programação original, a saber: publica-se a solução da edição anterior de O CON\*DOR e lança-se o concurso do número que está sendo enviado aos companheiros. Nas aulas de Francês, ministradas pelo Prof. Garcia, o texto para tradução de sua bem elaborada apostilha foi a narrativa de um inspetor de alunos, de uma escola do interior da França. Do longo texto publicado em Português, foi solicitada aos concorrentes a versão para o Francês da primeira e da última frases, e de mais uma de sua preferência. Também foi pedida a identificação do título da narrativa e de seu significado para a Turma. O Brasil (57-18) foi o vencedor do concurso, enviando à Redação o texto completo de BAMBAM. Vamos conferir o teste de nosso poliglota, selecionando algumas partes do texto:

“Duas vezes por semana, domingo e quinta- feira, era necessário levar a turma para passear. [*Deux fois par semaine, dimanche et jeudi, il était nécessaire d’emmener les élèves pour une promenade.*] Este passeio era um suplício para mim. [*Cette promenade était une torture pour moi.*]... Uma garotada doida, cabelos em desalinho, mãos sujas, calças esfarrapadas. [*Ils étaient des garçons fous; ses cheveux étaient en désordre, des mains sales, pantalons cassés.*]... Entre todos esses diabinhos, havia um meio-pensionista que me desesperava por seu mau porte. De minha parte, eu o havia tomado em aversão. [*Entre tous ces petits diables, il y avait un demi-pensionné qui m’affligeait par son mauvais aspect. En ce qui me concerne, j’avais une aversion par lui.*] Nós o denominamos BAMBAM, por causa do seu andar mais que irregular... [*Nous l’appellons Bambam, en raison son de marcher plus qu’irrégulier...*] Estava longe de pertencer a uma família aristocrática, como se via, simplesmente, por seus modos, pela maneira de falar e, sobretudo, pelas belas relações que ele tinha na região. [*Il était loin d’appartenir à une famille aristocratique, comme si il a vu, seulement, par ses manières, par la manière de parler et, sur tout, par les belles relations qu’il avait dans la région.*] Todos os garotos de Sarlande eram seus amigos. [*Tous les enfants de Sarlande étaient ses amis.*]”

**Bambam**, para nós, foi uma figura marcante, um companheiro inesquecível. Inspirado na interessante narrativa, algum gozador colocou este apelido no Freitas (57-29), o jovem capixaba Lourenço de Freitas Neto, nosso querido 01 do 2º Ano BQ.

Concurso de Mar-Abr/2005: Aulas de História Natural  
Concurso de Mai-Jun/2005: Placa comemorativa 50 anos

Lançados pelo “site”  
<http://57.bq.org>